



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

ARIELY FORCELINI

**A SUINOCULTURA NAS PÁGINAS DA REVISTA “CELEIRO CATARINENSE”, NA
DÉCADA DE 1970**

**CHAPECÓ
2019**

ARIELY FORCELINI

**A SUINOCULTURA NAS PÁGINAS DA REVISTA “CELEIRO CATARINENSE”, NA
DÉCADA DE 1970**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito
para obtenção de grau de Licenciada em História da
Universidade Federal da Fronteira Sul.
Orientadora: Professora Dra. Samira P. Moretto

CHAPECÓ

2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Forcelini, Ariely

A suinocultura nas páginas da revista "Celeiro Catarinense", na década de 1970 / Ariely Forcelini. -- 2019.

48 f.

Orientadora: Prof. Dra. Samira Peruchi Moretto.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História-Licenciatura, Chapecó, SC , 2019.

1. Suinocultura. 2. Agroindústria. 3. Santa Catarina. 4. Suínos. 5. Celeiro Catarinense. I. Moretto, Samira Peruchi, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA
Rodovia SC - 484, Km 02, Bairro Fronteira Sul, Chapecó-SC CEP 89815-899, 2049-6426
história.ch@uffs.edu.br, www.uffs.edu.br

**ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

Aos vinte seis de novembro de dois mil e dezenove, às 19 horas nas dependências do *Campus* Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos(as) professores(as): **Professor(a) Orientador(a) Dra. Samira Peruchi Moretto, Professor(a) Avaliador(a) Dr. Marlon Brandt e Professor(a) Avaliador(a) Elisandra Forneck**. O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pelo(a) acadêmico(a) **ARIELY FORCELINI** sob o título: *A SUINOCULTURA NAS PÁGINAS DA REVISTA "CELEIRO CATARINENSE" NA DÉCADA DE 1970*. obteve nota 9,5 sendo considerado aprovado.

Chapecó - SC, 26 de novembro de 2019.

Samira P. Moretto

Dra. Samira Peruchi Moretto
Professor(a) Orientador(a)

Dr. Marlon Brandt

Dr. Marlon Brandt
Professor(a) Avaliador(a)

Elisandra Forneck

Elisandra Forneck
Professor(a) Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado e concluído graças à algumas pessoas que foram fundamentais ao longo desses anos.

Primeiramente eu quero agradecer a minha orientadora Prof. Dra. Samira Peruchi Moretto, pois sem a sua orientação, a sua paciência e a sua prestatividade esse trabalho não poderia ser executado. Obrigada por me orientar de forma tão majestosa e me acompanhar nesse momento tão importante na minha vida.

Por segundo e não menos importante, minha família. Pois sem meu pai Delmir Forcelini, minha irmã Raiara Forcelini e meu namorado Jandersson Faé Menegatti, eu não teria forças para percorrer esse caminho. Agradeço em especial meu namorado, que sempre me incentivou a continuar, e nos momentos mais difíceis não me permitiu desistir.

Também quero agradecer aos professores do curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul que contribuíram para minha formação. E aos colegas e amigos que adquiri dentro da universidade, que levarei para sempre em meu coração.

A todos vocês, minha profunda e eterna gratidão! Muito obrigada!

RESUMO

A suinocultura é um dos ramos mais valiosos para a pecuária e para a economia do país. Na região do Oeste de Santa Catarina essa atividade econômica é muito conhecida e tem papel fundamental na economia regional, estadual e nacional. A suinocultura foi base para a instalação e fixação das agroindústrias nessa região, portanto é de muita valia estudar as várias faces em que se desenvolveu e como repercutiu na consolidação da mesma. Por conta disto, o objetivo deste trabalho é analisar de que forma a suinocultura era retratada nos meios de comunicação que circulavam na época em que a mesma sofreu diversas transformações. Para compreender como ocorreu a fixação da suinocultura no Oeste catarinense, dispomos de algumas ferramentas e métodos. Nesse trabalho, através da análise de fonte documental, o periódico escolhido foi a revista intitulada “Celeiro Catarinense”, por ser produzida e divulgada na cidade de Chapecó, grande polo de suinocultura da região. A análise dessa revista foi realizada considerando amplitude que a suinocultura estava tomando na época, com a modernização e processo de integração entre os produtores e as agroindústrias. Esta análise permitiu compreender como a suinocultura era anunciada em suas páginas e de que forma buscava reproduzir sua visão de desenvolvimento econômico, buscando sempre enfatizar que na região Oeste se produz um suíno de alta qualidade e que a região é propensa a se tornar um grande polo de produção suína. Portanto, podemos considerar que o presente trabalho contribui para uma análise a respeito da consolidação da suinocultura na região e os processos que a mesma sofreu na década de 1970.

Palavras-chave: Suinocultura. Agroindústria. Santa Catarina. Suínos. Celeiro Catarinense.

ABSTRACT

Pig farming is one of the most valuable branches for livestock and the economy of the country. In the western region of Santa Catarina this economic activity is well known and plays a fundamental role in the regional, state and national economy. Pig farming was the basis for the installation and settlement of agro-industries in this region, so it is very useful to study the various faces in which it has developed and how it influenced its consolidation. Therefore, the objective of this study is to analyze how pig farming was portrayed in the media that circulated at the time while undergoing through several transformations. In order to understand how the pig farming was fixed in the west of Santa Catarina, we used some tools and methods. In this study, through the analysis of a documentary source, the chosen journal was the magazine entitled “Celeiro Catarinense”, because it was being produced and disseminated in the city of Chapecó, a large pig farming center in the region. The analysis of this magazine was performed considering the breadth that pig farming was taking at the time, with the modernization and integration process between producers and agro-industries. This analysis allowed us to understand how pig farming was advertised on its pages and how it sought to reproduce its vision of economic development, always seeking to emphasize that in the West region a high quality pig is produced and that the region is prone to become a major hub of pork production. Therefore, we can consider that the present work contributes to an analysis about the consolidation of pig farming in the region and the processes that it underwent in the 1970s.

Keywords: Pig farming. Agribusiness. Santa Catarina. Swine. Celeiro Catarinense.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mesorregiões de Santa Catarina.....	18
Figura 2: Capa da Revista Celeiro Catarinense, dezembro de 1972, n. 10.	31
Figura 3: Matéria da Revista Celeiro Catarinense, dezembro de 1972, n. 10	32

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Comparação de rendimento entre porco-carne e porco banha	23
--	----

LISTA DE SIGLAS

ABCS: Associação Brasileira dos Criadores de Suínos

ABECS: Associação Brasileira dos Exportadores de Carne Suína

ABIPOS: Associação Brasileira da Indústria de Produtos Derivados de Suínos

ABPA: Associação Brasileira de Proteína Animal

ACARESC: Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina

ACCS: Associação Catarinense de Criadores de Suínos

ANAB: Associação Nacional de Abatedouros Avícolas

CEOM: Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina

EMBRAPA: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EMBRATER: Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural

EPAGRI: Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

FESUÍNO: Feira Estadual do Suíno

FLAIAS: Feira Latino-Americana da Indústria Avícola e Suinícola

PTDRS: Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável

SENAR: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

UC: Unidade de Creche

UPL: Unidade Produtora de Leitões

UT: Unidade de Terminação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. A SUINOCULTURA NO OESTE CATARINENSE: PRODUÇÕES E INOVAÇÕES ...	17
2.1. O CONTEXTO DA FORMAÇÃO DO OESTE CATARINENSE	18
2.2. A SUINOCULTURA E A CHAMADA PRÉ-MODERNIZAÇÃO	21
2.3. A SUINOCULTURA PÓS-MODERNIZAÇÃO	25
3. A SUINOCULTURA NAS PÁGINAS DA REVISTA CELEIRO CATARINENSE	29
3.1. RAÇÃO: A ALIMENTAÇÃO APRIMORADA PARA SUÍNOS DE QUALIDADE	33
3.2. AS FEIRAS NO OESTE CATARINENSE: A SUINOCULTURA EM DESTAQUE	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
FONTES	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

1. INTRODUÇÃO

Ao refletir sobre a construção de uma sociedade em uma determinada região, devemos nos questionar sobre quais os fatores levaram o seu desenvolvimento e a sua fixação dos grupos humanos. É com esse fim que o objetivo deste trabalho é compreender como a suinocultura, enquanto grande atividade econômica regional desenvolveu-se e potencializou-se nos anos de 1970, consolidando-se como uma das atividades de produção de alimentos em larga escala na região do Oeste Catarinense. Conectando como o desenvolvimento das agroindústrias emergiu na propaganda feita por meios de comunicação como jornais e revistas, que buscavam retratar em suas páginas todo o processo de desenvolvimento e solidificação dessa atividade econômica. Neste caso, adentraremos na propaganda veiculada na revista intitulada “Celeiro Catarinense” produzida e publicada na cidade de Chapecó, no Oeste Catarinense.

Envolvida por familiares agricultores e por toda região agroindustrial em que eu cresci, o que me motivou a estudar esse assunto é justamente a proximidade com o tema. A proximidade direta com a suinocultura através da família e da cidade em que eu cresci e vivo até hoje. Por tanto, busco entender como uma cultura que envolve um animal, servindo ele de alimento, impulsionou e impulsiona a economia de uma região e abastece diversas outras cidades, estados e até mesmo países.

Considerada como “Celeiro Catarinense”¹, a região do Oeste de Santa Catarina, desde a metade do século XX, foi vislumbrado como um potencial na produção de gêneros destinados a alimentação. Hoje é marcada por áreas de plantio de milho, soja, trigo, etc. (muitas vezes destinadas a servir de alimento para a criação de animais), e pela intensa criação de animais com fim alimentício, como o suíno e as aves (frango e peru). A região se desenvolveu principalmente através do meio rural, inicialmente com a agricultura familiar de pequenos produtores. Desde a sua colonização, a criação de animais esteve muito presente na região Oeste.

Para compreender a solidificação dessa atividade produtora, precisamos analisar o processo de modernização da agricultura, que gerou grandes transformações no campo e nas formas de produção como um todo. O sistema que ficou responsável por dar forma a essa modernização foi o Sistema de Integração. Segundo os autores Hentz, Oliveira e Batella (2013),

¹ Conceito absorvido da Revista intitulada “Celeiro Catarinense” produzida em Chapecó.

No Oeste Catarinense, as agroindústrias se aproveitaram do potencial representado pela força de trabalho proveniente da mão de obra familiar e implantaram um modelo designado como “Sistema de Integração”, que consiste num contrato normativo de parceria entre o produtor familiar e a agroindústria. Tal sistema obriga os agricultores familiares a se adequarem às exigências de padrões de produção ditados pelas agroindústrias, excluindo do processo produtivo aqueles que não se adaptam às novas regras, ficando esses relegados à mudança de atividade ou à migração para áreas urbanas.” (HENTZ; OLIVEIRA; BATELLA, 2013, p. 41).

Ou seja, esse Sistema de Integração visava integrar os pequenos produtores às agroindústrias, com base no fornecimento de insumos para os produtores em troca de retorno direto do produto à agroindústria. Tal sistema foi determinante para o desenvolvimento das agroindústrias nos anos seguintes a sua implantação. E foi responsável pelas mudanças relacionadas a criação de suínos. Como aponta Moretto e Brandt (2019),

No sistema integrado, a agroindústria controla a produção, determinando inclusive o momento do abate. O produtor comercializa apenas com aquela empresa, que determina tudo o que é relativo à criação dos animais, como por exemplo, a introdução de novas raças de suínos, que produziam mais carne do que banha. (MORETTO E BRANDT, 2019, p. 240).

Muito se alterou no que se refere à produção e os meios para se chegar numa produção de maior rendimento. Com a modernização das práticas da agricultura, ocorreu consequentemente a modernização da suinocultura. Como apontam os autores Miguel, Bruno e Renan (2016, p. 126), “a modernização da suinocultura foi um processo que ocorreu em paralelo a modernização da agricultura, que por sua vez foi acompanhada da modernização da economia brasileira e de grandes transformações no contexto internacional”. Mais adiante veremos como esse sistema de integração foi essencial para alavancar a agroindústria de forma geral, e fundamental para aumentar a produção da suinocultura como todo.

Segundo a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), o Brasil é o quarto maior produtor de carne suína do mundo (EMBRAPA, 2018), e também é o quarto maior exportador, exportando sua carne para diversos países, como Estados Unidos, Japão, Rússia, etc. A região Oeste de Santa Catarina, seguindo os moldes econômicos, vem da extensa criação de animais com o fim de suprir a demanda alimentícia. Cresci rodeada de familiares que desde os anos 1970 moram nas zonas interioranas próximas a cidade de Chapecó, e tem sido dependentes da agricultura e da criação animais, como suínos, frango, peru, peixe, etc., enquanto principal fonte econômica. Em especial duas tias, uma vez que tem como principal fonte de renda a criação de suínos, ambas vendendo para as agroindústrias regionais. Suas propriedades dispõem de grandes chiqueiros com espaço para maternidade,

reprodutores e creche para criação desses animais. Assim como elas, muitas famílias plantam grãos destinados a servir de alimento a estes e outros tipos de animais, como gado. Para mim, é uma prática muito familiar, pois ao visitá-las, acompanhava os vários processos que envolvem a criação dos suínos, tendo assim, a oportunidade de conhecer de perto a prática.

A suinocultura, longe de ser um tema novo dentro dos debates acadêmicos, traz um apanhado de excelentes trabalhos realizados por diversos pesquisadores, sendo tema de vários trabalhos de conclusão de curso, dissertações de mestrados, teses de doutorados, artigos, etc. A exemplo de trabalhos de grande importância, que foram abordados enquanto referencial teórico, além de ser indispensáveis para a reflexão e embasamento nesse trabalho, encontram-se as pesquisas realizadas por Marlon Brandt (2012 e 2015), Noeli Pertile (2008) e pela orientadora desse trabalho, Samira Peruchi Moretto (2019).

A pesquisa da autora Noeli Pertile (2008), abordada posteriormente nesse trabalho, com o título “Formação do espaço agroindustrial em Santa Catarina: o processo de produção de carnes no Oeste catarinense” foi desenvolvida em sua tese de doutorado, sendo um trabalho de muito valor para temas como a suinocultura, avicultura, agricultura, agroindústrias, dentre outros. Em seu trabalho a autora retrata o processo de formação do atual espaço agroindustrial da região desde sua formação. Parte de uma análise a respeito da colonização dessa região com os tropeiros, a chegada das ferrovias, a extração da erva-mate, o papel das colonizadoras em ocupar essas terras e a importância da madeira. Seguindo sua pesquisa, que serviu de arcabouço teórico para fundamentar esse trabalho, a autora trabalha a questão do comércio de suínos na região, e a importância na formação e reprodução dos capitais locais, abordando a origem do comércio de suínos, como também sua expansão e implantação dos primeiros frigoríficos locais.

A pesquisadora dá muita ênfase na questão dos frigoríficos, das agroindústrias da região, tratando do processo de urbanização da região e como as agroindústrias de carne eclodiram de forma tão urgente. Aborda questões como os investimentos ocorridos a partir dos anos de 1950 destinados as agroindústrias na cidade de Chapecó, como também as condições de produção para investimentos a partir dos anos de 1980, a consolidação das agroindústrias e divisão dentro do estado para a produção vinculada a essas atividades agroindustriais, e muitos outros assuntos pontuais relacionados a formação, transformação dos espaços destinados as agroindústrias e fixação desse modo de produção. Nesse trabalho foi utilizado a parte pontual em que a autora escreve sobre a suinocultura e as mudanças que trouxe para a região e para a população.

No trabalho dos historiadores Marlon Brandt e Samira P. Moretto (2019), intitulado “Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformações na paisagem rural em Chapecó, SC”, foi realizada uma pesquisa dentro da área de história ambiental, área de afinidade de ambos os autores. Após uma contextualização da formação da região Oeste de Santa Catarina, o trabalho desenvolvido por eles aborda a suinocultura e suas transformações nos espaços rurais, além de abordar a comercialização da carne suína, o processo de integração entre produtor e agroindústria, a modernização dos setores agroindustriais e os incentivos à produção em larga escala. Os autores trazem também a relação da produção de animais com o impacto na diminuição das áreas florestais, crescimento da produção e concentração produtiva na região. Para agregar fundamento à este trabalho foi trazido o conteúdo a respeito do processo de integração que visava incluir o produtor rural às agroindústrias regionais que se instalavam e necessitavam de força.

Há autores que pensam a região em os ciclos econômicos da região Oeste, como foi o caso de Paulo Ricardo Bavaresco (2018). O autor aponta que foram quatro os ciclos econômicos que moveram e movem a economia regional, sendo eles o ciclo da Pecuária, da Erva-Mate, da Madeira e, por fim, o ciclo Agroindustrial. Isso diz muito sobre como se associa à expansão do setor produtivo e industrial do Brasil a partir de 1950 e 1960, principalmente no que se refere ao processo de modernização na agricultura e as relações de produção que impulsionaram a instalação de agroindústrias na região. Porém, precisa-se repensar essa teoria de ciclos, posto que ela é muito excludente, tendo em vista que todas essas atividades ocorriam com menos ou mais intensidade, em diferentes períodos e espaços.

Seguindo a análise sobre suinocultura, ao longo das décadas de 1970 e 1990 houve investimentos industriais de grande proporção que levaram a grande expansão econômica de toda uma região. Investimentos esses, que partiram principalmente do governo do estado e suas instituições governamentais. Compreende-se a necessidade de abordar como as cidades da região Oeste foram dando forma a um padrão cultural baseado no abate de animais, formando uma região em que se sustenta com a agroindústria. Neste trabalho, em especial, trataremos da suinocultura, e como essa atividade econômica se consolidou, tornando-se até os dias de hoje, uma das principais atividades lucrativas na região e também do estado. Os capítulos destinados a tratar do tema desta pesquisa são dois: “A suinocultura no Oeste Catarinense: produção e inovações” e “As feiras no Oeste Catarinense: a suinocultura em destaque”.

Pensando em como trabalhar com a fonte, tanto da revista como do jornal, foi necessário compreender como produzir história através do uso de periódicos. Para

compreendermos e executarmos esse tipo de análise, utilizamos o trabalho de Tania Regina de Lucca (2011), que faz uma análise a respeito da utilização desse tipo de fonte. Antes o uso dos jornais e revistas para a escrita da história era questionado por conta da sua subjetividade, porém atualmente o uso dos mesmos é muito bem aceito pelos historiadores. Entretanto, a autora nos chama a atenção para o manuseio do documento, pois além de analisar o conteúdo destes periódicos, precisamos segundo de Luca (2011),

[...] identificar cuidadosamente o grupo responsável pela linha editorial, estabelecer os colaboradores mais assíduos, atentar para a escolha do título e para os textos programáticos, que dão conta de intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito da leitura de passado e de futuro compartilhada por seus propugnadores. (DE LUCA, 2011 p. 140).

Com isso, ao analisar a revista, devemos nos atentar não somente com o conteúdo das matérias, mas a forma com que foi escrita, onde a revista foi produzida, onde foi divulgada, quem era responsável pela direção da mesma, qual sua repercussão e com qual intuito ela foi produzida.

No primeiro capítulo, trataremos de uma abordagem mais ampla sobre a região Oeste de Santa Catarina, e também da suinocultura enquanto atividade econômica e suas transformações ao longo do período abordado. Esse primeiro capítulo, dividido em três tópicos, discute essas questões. O subcapítulo intitulado “O contexto da formação do Oeste Catarinense”, tem como objetivo abordar o que era considerado a região Oeste nos anos estudados e como é considerado hoje, onde fica essa região mapeada e como ela é vista perante o restante do estado catarinense. E principalmente como se dá à economia dessa região, partindo do pressuposto de ser uma região agroindustrial. No subcapítulo intitulado “A suinocultura e a chamada pré-modernização” o objetivo é trazer o que é a suinocultura, e de que forma o suíno, enquanto produção alimentícia, se tornou uma grande economia para a região. Também tratarei de como a suinocultura atuava antes do processo de modernização que teve início em meados dos anos de 1970. Já o subcapítulo intitulado “A suinocultura pós-modernização”, abrangerá o oposto: como a suinocultura conduziu-se após esse processo de modernização, e quais as mudanças que se originaram a partir desse processo.

No segundo capítulo “A suinocultura nas páginas da revista Celeiro Catarinense” trabalharemos a suinocultura de forma direcionada ao Oeste Catarinense. Dentro deste capítulo será feita em primeiro momento a análise da revista Celeiro Catarinense, abordando o acesso a ela e a disponibilidade de material para pesquisa. O capítulo tem sua divisão em dois subcapítulos. No primeiro subcapítulo “Ração: A alimentação aprimorada para suínos de

qualidade” o objetivo é abordar o trato da ração para suínos, de que forma a ração é elaborada e pensada para a produção e melhoramento da carne, além de uma análise da revista abordando o assunto. O segundo subcapítulo, “As feiras no Oeste Catarinense: a suinocultura em destaque”, tem como objetivo analisar matérias da revista que abranjam assuntos sobre as feiras realizadas na região que tratem da suinocultura buscando difundir essa atividade. Por fim, trataremos de fazer uma reflexão a partir de todo material estudado, analisando os ideais que foram divulgados pela revista em cima da suinocultura e fazer uma conclusão a respeito do objetivo da revista.

2. A SUINOCULTURA NO OESTE CATARINENSE: PRODUÇÕES E INOVAÇÕES

A suinocultura, antes muito praticada para sustento próprio, ao longo do século XX foi se desenvolvendo e tornando-se grande prática econômica, responsável por abastecer diferentes regiões. Hoje, o estado de Santa Catarina, segundo a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), corresponde a 26% da produção nacional e, sendo o maior produtor e exportador de carne suína no país, não poderia ficar de fora de todas essas transformações. Segundo a Secretaria da Agricultura e da Pesca de Santa Catarina, no mês de novembro do ano passado (2018), o estado foi responsável por mais da metade das exportações de carne suína do Brasil, sendo 56% de origem no estado (Secretaria do Estado da Agricultura e da Pesca, 2018).

O Oeste Catarinense é bastante conhecido por sua vasta produção de carnes, seja ela suína ou avícola (frango e peru). Algumas agroindústrias levam o nome dessa região para além do estado e do país. Tomemos como exemplo: *BRF Foods* (junção atual das marcas Sadia e Perdigão), JBS (Seara Alimentos), Cooperativa Central Aurora Alimentos, dentre outras. Podemos colocar a Sadia como pioneira industrial na agroindústria brasileira, que ao final dos anos de 1980, com o fim da ditadura militar, conseguiu crescer fortemente: “enquanto que a economia e as indústrias em geral não conseguiram crescer devido à crise do petróleo, ao aumento da dívida externa e uma forte inflação, a Sadia transforma-se num grande complexo industrial.” (DALLA COSTA, 1998).

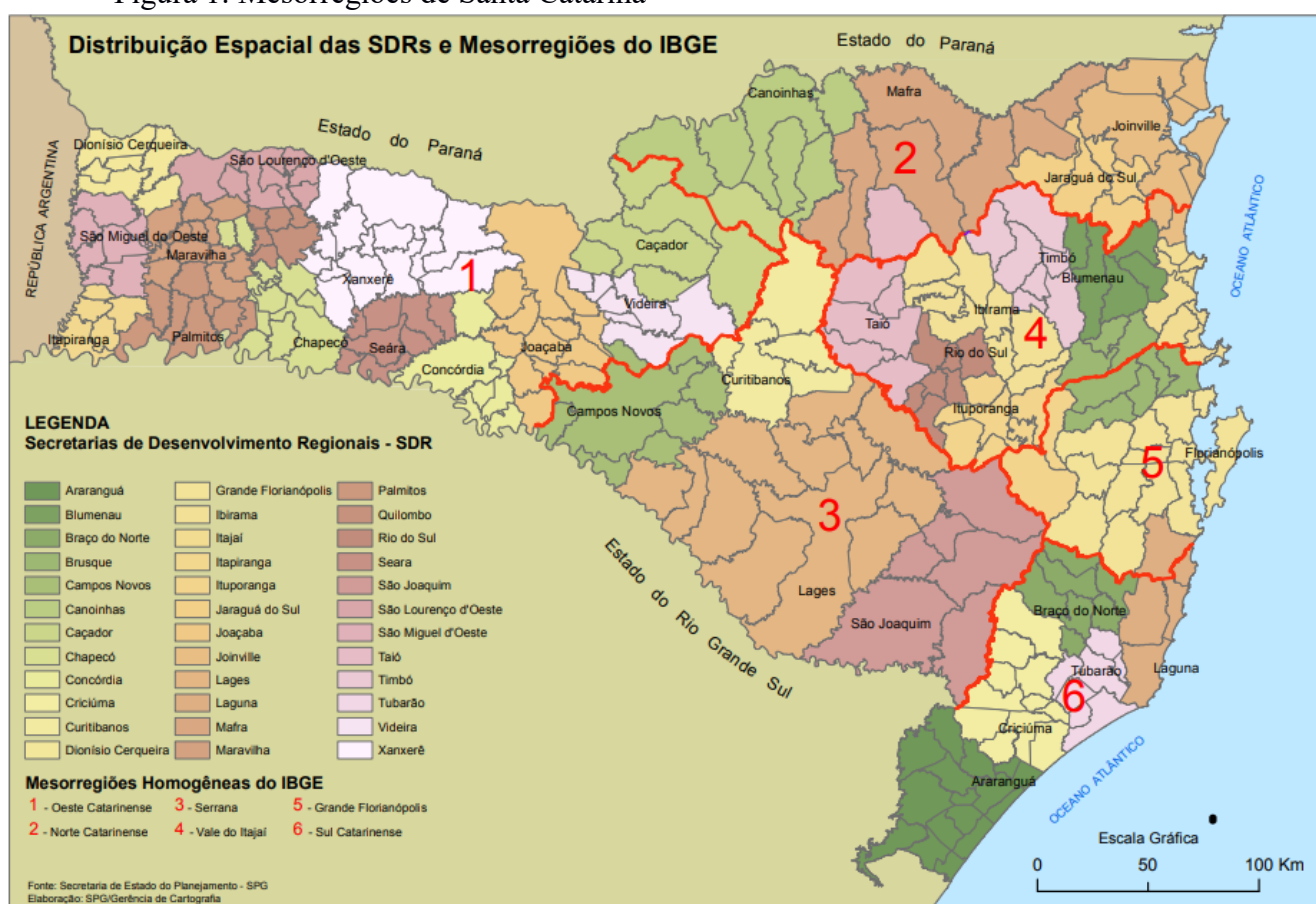
Para que possamos entender o processo que levou a consolidação da suinocultura como atividade econômica regional, é preciso pensar em como a suinocultura encontrou no Oeste Catarinense base fundamental para sua instalação. Também é preciso pensar no

processo de modernização da suinocultura, e com qual intenção e apoio as agroindústrias trouxeram tantas mudanças para a população e para a economia regional.

2.1. O CONTEXTO DA FORMAÇÃO DO OESTE CATARINENSE

Compreendendo uma vasta área territorial, o Oeste Catarinense abriga 118 municípios pertencendo ao estado de Santa Catarina, ao sul do país. Segundo o levantamento do Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável (PTDRS) do ano de 2010, desenvolvido pelo governo federal, o território do Oeste Catarinense abrange uma área total de 27.484 quilômetros quadrados (PTDRS, 2010). Faz fronteira no extremo Oeste com a Argentina, ao sul com o estado do Rio Grande do Sul, ao norte com o estado do Paraná e a leste com as cidades do Planalto e do Norte Catarinense. Na Figura 01, que abrange as mesorregiões do estado de Santa Catarina e mostra as mesorregiões divididas, podemos vislumbrar o Oeste (que na legenda compreende a mesorregião número 1) como um todo.

Figura 1: Mesorregiões de Santa Catarina



Fonte: IGBE. FAPESC (2013). Disponível em:

http://www.fapesc.sc.gov.br/files/chamada2013/Mapa_Mesorregioes_SC_IBGE.pdf

Mas para chegar ao espaço territorial que temos hoje em dia, muito se transformou no espaço territorial dessa região. Colonizada por imigrantes em maior parte oriundos do estado do Rio Grande do Sul, a região Oeste sempre foi disputada com base nas suas potencialidades territoriais. A região foi ocupada por populações que vendiam erva-mate, e esse processo de colonização foi marcado por conflitos de interesses econômicos e territoriais, como Brasil e Argentina, Santa Catarina e Paraná, como por exemplo, a Guerra do Contestado (1912-1917) que foi uma disputa territorial muito violenta pela posse destas terras entre os Estados do Paraná e Santa Catarina. Como Bavaresco (2018) aponta,

Esses conflitos revelam a abundância em riquezas naturais – madeira e erva-mate – existentes no Oeste de Santa Catarina. Esses recursos foram também, atrativos para inúmeras famílias de colonos provenientes do Rio Grande do Sul e da Europa. (BAVARESCO, 2018).

Tardiamente incorporada à economia nacional, a colonização da região Oeste passou por um longo processo de ocupação de regiões de fronteira. Ocupação essa que ocorreu com um grande impulso governamental partindo do estado de Santa Catarina, através das companhias colonizadoras. Essas companhias colonizadoras eram do estado do Rio Grande do Sul, e previa a colonização de regiões do estado de Santa Catarina. Portanto, a colonização da região se deu a partir da ação das companhias, através da venda de terra a colonos rio-grandenses e a exploração em massa de todos os recursos naturais. Na região Oeste, na cidade de Chapecó, como apontam os autores Silva e Hass (2017), esse projeto,

Com a intenção de ocupar a região considerada como “vazio demográfico” o governo do estado de Santa Catarina articulou o projeto de conquista da região através da atuação de companhias colonizadoras, responsáveis pela acomodação de migrantes euro descendentes provindos do Rio Grande do Sul. Neste sentido, durante a primeira metade da década de 1950, as companhias colonizadoras simbolizaram o empreendimento de um processo “civilizatório” para a região, baseados em ideias de trabalho árduo, religiosidade católica e progresso. (SILVA E HASS, 2017, p. 338).

Ressaltamos que a população que ocupou esse território no início do século XX é o que chamamos de colonos, oriundos de outras regiões e, como citado acima, euro descendentes. E que muito antes desses colonos chegarem na região do Oeste Catarinense, já haviam populações indígenas que ocupavam esse território durante muitos séculos: “A região do Oeste Catarinense esteve inicialmente ocupada pelos povos indígenas, especialmente os Xoklengs e os Kaingangs, ocupação esta que se estende até meados do século XIX.” (CORAZZA, 2016, p. 02). Portanto, é preciso pensar que a ocupação pelos colonizadores, recuou forçadamente essas populações nativas, como os indígenas e os chamados caboclos. A

justificativa era: ocupar uma região considerada como espaço vazio, mesmo sendo uma terra já habitada por diversas populações indígenas e populações caboclas.

Durante muito tempo a região que compreende o Oeste Catarinense era vista apenas como passagem, caminho, travessia, entre os estados de São Paulo e Rio Grande do Sul para realização do deslocamento de gado de um estado para o outro através dos chamados tropeiros. E no percurso desse caminho foram montando-se acampamentos de imigrantes coloniais que, conseqüentemente, levaram a ocupação desses espaços, sobretudo até a década de 1930, quando o processo de colonização se intensifica e a produção de suínos torna-se a atividade mais rentável em comparação as outras que vigoravam na época. É como nos esclarece Corazza (2016),

Ainda na década de 1920, os primeiros imigrantes, dedicados à pequena agricultura familiar, começaram a desenvolver atividades agropecuárias, em especial a produção de trigo, milho e de suínos. Na década de 1930, a produção de suínos afirma-se como uma atividade mais rentável que as outras e começa a tornar-se dominante. A crescente demanda de suínos e de banha provinha de São Paulo e foi intensificando o comércio da região catarinense com o centro do país. Foi a partir dessas atividades centradas na criação de suínos que se desenvolveram as primeiras casas comerciais de imigrantes e iniciou o processo de acumulação de capitais gerados na própria região. Na esteira da produção de suínos, que aos poucos foi se consolidando como a principal atividade econômica da região foram se desenvolvendo outras atividades complementares como a cultura do milho, do feijão, do arroz e da mandioca. (CORAZZA, 2016, p. 13).

Na década de 1940 já existiam agroindústrias que trabalhavam somente com a banha suína. Posteriormente à esta década, foram inaugurados frigoríficos para suprir a demanda do abatimento dos suínos e também para aumentar a produção ao integrar o produtor à indústria. As atividades agroindustriais da região foram sendo desenvolvidas conforme a necessidade e condição territorial. Podemos dizer que para a região Oeste, a economia sempre esteve relacionada à sua natureza. Isso porque em todos os espaços em que foram sendo explorados e dominados, algum recurso natural foi utilizado como potencial econômico. Ainda segundo Corazza (2016), o ciclo da agropecuária foi responsável pelo período de ocupação e povoamento inicial. A marca que esse ciclo trouxe para o Oeste foi o latifúndio e a expulsão da população indígena. Porém, devemos considerar que a pecuária foi fundamental para a construção da economia regional e por consequência, o seu desenvolvimento. Os ciclos que se seguiram, foram o da erva-mate, da madeira, e o agroindustrial. O tropeirismo foi fundamental para o desenvolvimento da suinocultura. Onde era possível a comercialização de banha dos suínos e a formação de fortes laços econômicos entre uma região e outra.

A região do Oeste Catarinense é fortemente marcada como um território com prática agrícola, sendo economicamente muito dependente das atividades agropecuárias e da

agroindústria. Nessa região se cria, abate, produz, e exporta animais destinados ao consumo (ênfase ao suíno e as aves). Também se planta e produz grãos para servir de alimento as pessoas e também a esses animais. Considerando a questão da potencialidade, já mencionada anteriormente, devemos considerar que a criação de suínos nessa região só foi possível perante as condições ambientais. Condições essas, como a produtividade das terras para o plantio e o espaço territorial, que foram aproveitadas nas pequenas propriedades rurais e também deram infraestrutura para a instalação posterior das agroindústrias.

Também, é importante levantar em questão, o apoio econômico que o Oeste teve por parte estado para que pudesse fomentar sua economia. Para além de ocupar o território que estava em falta de rendimento econômico, mas também envolver a região Oeste na economia nacional e trazer a economia regional para outro patamar.

2.2. A SUINOCULTURA E A CHAMADA PRÉ-MODERNIZAÇÃO

Podemos entender a pré-modernização como o tempo que antecedeu a modernização das atividades agrícolas. Seguiu um padrão com mais liberdade aos produtores, pois os suínos eram tratados com uma alimentação bastante diversificada (alimentavam-se de frutas, legumes, etc.) e sem muito controle, o que pode ser considerado como uma grande vantagem. Um animal que se reproduz em quantidades bastante significativas e que tem baixo custo de produção. Como o autor Marlon Brandt (2015) aponta,

Juntamente com a abundância de recursos florestais disponíveis, outro fator que pode explicar a adoção do porco é sua capacidade de conversão de seu alimento em carne e banha, em comparação aos bovinos. Os porcos convertem cerca de um quinto do que comem em alimento para consumo humano, contra aproximadamente um vigésimo dos bois. Tal fato fez com que a criação de porcos fosse considerada vantajosa, não apenas por exigir menos manejo, mas também pela capacidade de conversão de seu alimento em carne e banha, e com redução do tempo necessário para a comercialização, que poderia ser até de um ano. (BRANDT, 2015, p. 308).

O trabalho de Brandt (2015) contribui muito para o entendimento dessas condições a que nos referimos, pois assim como a região Oeste, o Planalto de Santa Catarina passou por esse modelo de criação dos suínos, como também muitas outras regiões do estado.

No caso do suíno na região Oeste, considerado um animal de fácil criação, ele sempre esteve muito presente, antes mesmo da colonização com as populações caboclas. Até mesmo antes dos colonizadores já havia um sistema de criação de porcos na região, que foi propiciado pela vasta extensão territorial, pois se fazia necessário um espaço considerável para a criação solta destes animais. Também havia outro modelo de criação, chamado de

“Safra”², que se baseava na abertura de terras, através da derrubada de mato, e após era feita a queima da área para o plantio de milho e abóbora. Quando sazoados esses alimentos, os porcos eram soltos na área ali se alimentavam e se criavam. Conforme aponta Bavaresco (2003),

Nesse sistema de criação, a área de um hectare possibilitava a engorda de até 5 cabeças de porcos. Após a engorda, os animais eram tropeados até o mercado consumidor. Neste ponto, observamos que os animais tropeados eram levados até os núcleos coloniais. Esta atividade, aos poucos, foi incorporada pelos imigrantes, em que alguns colonos cercavam uma determinada área para criação de porcos, impedindo que estes se espalhassem ou viessem a destruir as plantações de outros imigrantes. (BAVARESCO, 2003, p. 72).

É preciso ressaltar o trato em relação ao uso das terras, conhecido através de dois modelos, o de plantar e de criar. As terras de plantar ficavam mais distantes das casas, e seguia a mesma ideia do modelo de Safra, conhecido como método coivara, em questão de derrubada e queimada de mata para abrir roças, com sistema de rotação de terras. Já as terras de criar, fazem parte de praticamente toda a propriedade e nelas havia também as florestas e campos. Nessas terras os animais circulavam livremente no processo de criação.

Outro aspecto muito relevante sobre o percurso da suinocultura na região Oeste é a qualidade do suíno, as raças e a utilização do mesmo. No Brasil, começaram serem importadas outras raças desde a década de 1950, através da extensão rural promovida pela Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (ACARESC), hoje Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI). Antes do processo de modernização, o suíno no sul do Brasil era conhecido por ter uma quantidade alta de banha, e ficou muito conhecido como porco banha, pois era propício para extração de banha desse animal. Conforme já mencionado anteriormente, a alimentação que esses animais recebiam na forma tradicional de criação, através da lavagem de vegetais, restos de frutas e verduras, era considerada mais natural, e isso interferia diretamente na quantidade e sabor da carne. Um dos motivos que levaram a substituição do porco banha para o porco carne, foi a peste suína africana que chegou ao Brasil em meados dos anos de 1978, e trouxe uma crise para os suinocultores. É o que relata Siqueira

No ano de 1978, o que se passou na região Oeste de Santa Catarina foi e continua sendo demasiado controverso e polêmico para significativa parcela da população, além de ser considerada a maior crise da suinocultura da região. Segundo algumas referências na literatura e relatos que coletei no decorrer da pesquisa de campo, essa

² A safra consistia na derrubada do mato, queima da área, plantio de milho e abóbora. Após o amadurecimento desse plantio, os animais eram soltos “e se criavam por si”.

peste foi responsável pela eliminação de porcos de banha e substituição destes por aqueles denominados pelos interlocutores como de raça/branco/puro/híbrido, que produzem mais carne. (SIQUEIRA, 2014, p. 450).

Essa crise, porém, acontece após a modernização da suinocultura, pois as agroindústrias já haviam se instalado na região. Mais adiante aprofundaremos o assunto. Analisando a matéria da Revista “Celeiro Catarinense” do ano de 1970, podemos constatar como a visão sobre o consumo da carne suína estava mudando. A matéria intitulada “porco-carne e porco-banha” aborda porque se aconselha a criação do porco-carne, pois tanto para a indústria, como para o criador e para o consumidor o porco-carne é considerado o mais interessante.

O porco-carne é o porco mais interessante para o criador porque é o mais precoce, tem melhor conversão alimentar, utiliza melhor as instalações e necessita menos mão de obra. O porco-carne é, o mais interessante para a indústria, pois além da gordura animal estar superada pela gordura vegetal os cortes carne tem melhor cotação comercial, dando assim, um melhor aproveitamento industrial para o porco-carne. Para o consumidor o porco-carne, também, é o mais interessante, porque é o porco que possibilita produtos de melhor qualidade e preços mais acessíveis. (CELEIRO CATARINENSE, 1970, N. 4 p. 21).

A matéria também traz uma tabela de comparação de rendimento entre ambos os tipos de suínos que fazia comparação com relação a criação dos dois tipos de suínos, colocando valores como idade, peso de entrada, peso de abate, tipos de corte de carcaça, desdobramento de carcaça e etc.. Abaixo segue tabela apresentada na matéria.

Quadro 1: Comparação de rendimento entre porco-carne e porco banha

ITENS DISCRIMINATIVOS	PORCO-CARNE		PORCO-BANHA	
Idade (meses)	8		12	
Pêso de entrada (kg)	92		110	
Pêso de abate (kg)	90		105	
Rendimento de abate (%)	84,30		82,60	
Espessura de toucinho (cm)	3,2		5,0	
Comprimento de carcaça (cm)	94		85	
CORTES DE CARÇAÇA	KG	%	KG	%
Toucinho para banha	14,0	21,10	22,70	27,97
Toucinho com couro	5,20	7,41	9,00	11,09

Papada	1,40	1,99	1,50	1,85
Pernil com osso	11,00	15,69	8,80	10,84
Carré	4,80	6,84	5,00	6,16
Paleta com osso	5,20	7,41	3,90	4,81
Retalhos	4,40	6,27	2,60	8,20
Copa	3,00	4,28	3,80	4,68
DESDOBRAMENTO DA CARCAÇA				
Cortes carne	21,40	40,49	24,10	29,69
Cortes gordura	28,40	30,50	33,20	40,91
Diversos	12,35	13,31	10,05	12,00
TOTAL		84,20		82,60

Fonte: Revista Celeiro Catarinense, Maio e Junho de 1970, N. 4. Arquivo CEOM (2019).

Esses dados apresentados na tabela, bem como na matéria em si, foram retratados de modo a demonstrar como a troca do porco-banha para o porco-carne era fundamental para o desenvolvimento e melhoramento da suinocultura, beneficiando de forma geral tanto as agroindústrias como produtores e consumidor final, deixando claro o posicionamento da revista perante essa mudança.

A suinocultura oestina passou por várias mudanças no sistema criatório à medida que se buscou desenvolver uma criação de suínos com maior rendimento econômico. No Oeste, a forma de criação baseada no confinamento total do suíno também teve seus altos e baixos até atingir o patamar de criação atual e total do confinamento, desde o nascimento até o abate. Analisando a matéria da revista Celeiro Catarinense intitulada “Semi-confinado muda suinocultura do Oeste” podemos perceber que antes do modelo atual de manejo de suíno, a região passou por um processo de criação de forma semi-confinada. O processo confinamento total, no começo de sua implantação trouxe alguns empecilhos para a suinocultura oestina, no que diz respeito ao manejo e o excesso de gordura. O que acabou reduzindo a qualidade dos reprodutores e das porcas matrizes. Pensando em como modificar essa situação

Encarando este sério problema, que não obstante a qualidade dos reprodutores, pode tornar infrutífera a suinocultura, sentiu-se a necessidade da introdução, nas propriedades suinícolas em geral, de um sistema misto de criação, com prioridade

para os reprodutores, que representam o sustentáculo de qualquer empresa de suínos. Nos últimos dois anos, começaram a surgir, em números cada vez maior, propriedades que estão adotando a formação de piquetes gramados com abrigo. Esses piquetes devem localizar-se em lugares secos e grama existente, será preferencialmente o Quicuío. (CELEIRO CATARINENSE, 1972, N.8, p. 13).

Esse tipo de manejo se tornava interessante pois os cachasos reprodutores, soltos em piquetes, poderiam se exercitar, fazendo com que conseguisse manter o peso ideal e tornar a qualidade da carne melhor. As matrizes também eram beneficiadas com esse tipo de manejo. Antes de entrarem para as maternidades, sete dias antes de darem crias, as porcas ficavam livres nos piquetes e podiam também se exercitar, proporcionando um parto sem complicações e leitões mais fortes e mais numerosos. Os produtores receberam orientação da ACARESC naquele ano de adotar esse novo sistema, devido ao resultado alcançado com essa mudança de produção.

Cabe citar a existência por todo o município, de dezenas de propriedades que já utilizam o sistema misto de criação, o que está modificando completamente a paisagem da suinocultura da região. Está aí pois, mais um grande passo no sentido de projetar a suinocultura catarinense a níveis realmente elevados em termos técnicos, contribuindo decisivamente para o progresso social e econômico de toda uma região. (CELEIRO CATARINENSE, 1972, N.8, p. 13).

Esse modo de manejo de suínos perdurou até o começo dos anos de 1970, quando passou para o modo de produção totalmente confinado que se intensificou nas décadas de 1980 e 1990. Modo este que veio a ser modificado após o melhoramento da alimentação do suíno, como também a forma de manejo da própria ração. Porém, este é um assunto que discutiremos posteriormente sobre a transformação da ração para os suínos

O ponto fundamental para a efetivação da suinocultura é a transição da pré-modernização para a pós-modernização de seus sistemas de criação e produção. Do manejo dos animais, antes criados soltos nas terras de criar, passando para o confinamento e a integração, passando de um modelo de pequenos produtores que criavam para o pequeno comércio e para o sustento próprio, para fornecedores das grandes agroindústrias.

2.3. A SUINOCULTURA PÓS-MODERNIZAÇÃO

A suinocultura, como já mencionamos anteriormente, passou por diversas transformações no país e também na região do Oeste de Santa Catarina. A consolidação como atividade econômica se dá por volta dos anos de 1950 em Chapecó, mas antes disso na década de 1940 na cidade de Xaxim com o frigorífico Diadema. A instalação das agroindústrias

trouxeram significativas mudanças em todo processo de produção, abate e comercialização da carne de porco. Como já havia a criação por parte dos colonizadores, as agroindústrias vieram transformar radicalmente esse meio de produção.

Uma das mudanças que a modernização da suinocultura trouxe, já mencionada anteriormente neste trabalho, foi a substituição do porco banha para o porco carne. Além disso, a adoção de novas raças consideradas “puras” era vista como fator fundamental para o sucesso da modernização, pois eram consideradas mais produtivas.

Antes criados à solta pelas terras de criar, com a fixação dos frigoríficos foi instalado um sistema de criação bastante diferente do que os criadores estavam acostumados. Quando se fez necessário aumentar a produção para suprir as agroindústrias, surgiu a necessidade de uma produção organizada. É o que aponta Bavaresco (2003),

O aumento da demanda de matéria-prima para as agroindústrias contribuiu para o surgimento de uma produção organizada. Esse novo modo de produção organizada, surgiu no seio da propriedade que tem por base o trabalho familiar. Através da aproximação a pequenos agricultores, com interesse à produção de suínos, as agroindústrias garantiam um abastecimento mais regular. (BAVARESCO, 2003, p. 79).

Considerando que desde a colonização, a criação de suínos é uma prática da agricultura familiar, devemos salientar que antes da modernização, as famílias produtoras eram responsáveis por todo o processo de produção, desde a criação até a venda da carne a outras regiões. Já no pós-modernização, a agroindústria encontra no pequeno produtor, uma forma de ampliar as técnicas da suinocultura.

O processo responsável pela relação direta entre os pequenos produtores de suínos e as grandes agroindústrias ficou chamado como o processo de integração. A exemplo desse processo de integração, abordaremos brevemente (pois no segundo capítulo desse trabalho, será levantado com mais ênfase) o caso da indústria Sadia, considerada pioneira na região do Oeste Catarinense. Nesse modelo de criação, os suínos são criados em chiqueiros, de forma confinada, fugindo totalmente do modelo anterior. O sistema de integração,

[...] designado como “Sistema de Integração”, que consiste num contrato normativo de parceria entre o produtor familiar e a agroindústria, no qual o agricultor é responsável pela produção da matéria-prima e a empresa se responsabiliza pelo fornecimento de assistência técnica, insumos para a produção (matéria-prima, vacinas, rações etc.) e toda a logística do processo (entrega de rações e transporte da matéria-prima). (HENTZ, OLIVEIRA, BATELLA, 2013, p. 48).

O objetivo, apontado pelos autores desse sistema, é promover um fornecimento regular de animais para abate do produtor às agroindústrias e, por consequência, aumentar a

produtividade agropecuária, expandindo a produção dessa matéria-prima. Para que isso pudesse acontecer, as agroindústrias deixam nas mãos dos produtores a responsabilidade de conduzir a criação e produção desses animais, mas não deixa de manter o domínio sobre o produto.

As pequenas unidades familiares foram, nesse momento de mudanças, forçadas a adotar estratégias de reprodução de suínos e aves baseadas no sistema de integração. Os pequenos produtores recebiam assistência técnica e insumos por parte de órgãos especializados das empresas (Departamento de Fomento) e de órgãos estaduais ligados à Secretaria da Agricultura e Abastecimento (ACARESC). Ao final, o pequeno produtor vende os animais à empresa, sendo então descontados os insumos adiantados. As relações entre empresas e produtores, vale frisar, envolvem a garantia de compra pelos abatedouros de porcos e aves. Evidentemente, aí o produtor integrado é obrigado a cumprir as orientações técnicas, adquirindo as rações, pintos, medicamentos e vacinas das empresas processadoras. (ESPÍNDOLA, 1996, p. 121).

Por tanto, se o produtor pretendesse manter o vínculo com a agroindústria, deveria cumprir os requisitos impostos por ela, de forma a responder aos padrões estabelecidos e manter-se sempre disposto a submeter-se à novas regras dentro desse sistema de integração.

Com a modernização e processos de integração agroindustrial, as agroindústrias estabeleceram seu espaço econômico nacionalmente e internacionalmente, resultando em grandes transformações para o Oeste, sendo elas transformações socioeconômicas e ambientais, como aponta Mior (2011),

Este modelo seria o responsável tanto pelo sucesso econômico regional como pelos crescentes problemas socioeconômicos e ambientais ressaltados pela crise vivenciada nos anos 90. Pólo de inovação tecnológica na área de produção e industrialização de suínos e aves, berço das maiores empresas do setor carnes e derivados do Brasil, modelo de articulação que possibilita a incorporação socioeconômica da produção familiar, são resultados ressaltados como positivos. Concentração econômica regional, exclusão dos pequenos produtores familiares da produção de suínos, poluição das águas pelos dejetos suínos, êxodo rural e regional, principalmente dos mais jovens, entre outros, são apresentados como os resultados menos nobres do modelo de agroindustrialização da região. (MIOR, 2011 p. 5).

Com alto incentivo governamental, por ser uma atividade muito rentável, a suinocultura foi se desenvolvendo juntamente com a agricultura. Exemplo de incentivos ou investimentos por parte do estado de Santa Catarina foram os treinamentos disponibilizados para os criadores de suínos da região. Outra fonte retirada do Jornal Correio do Sul, no ano de 1977, intitulada “Porco-carne e porco-banha” retrata um dos treinamentos oferecidos aos criadores considerados líderes em produção na cidade de Quilombo, no Oeste, que tinha como objetivo “Os agricultores participantes, considerados adotantes da tecnologia básica, receberam ensinamentos mais profundos, com o objetivo de aprimorar ainda mais o

conhecimento e aplicação da tecnologia em suinocultura.” (CELEREIRO CATARINENSE, 1977). Este treinamento teve participação dos 15 maiores líderes em suinocultura no município e contou com o convênio de organizações governamentais como a Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER), o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina (ACARESC), hoje extinta, sucedida pela Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI).

Com o passar dos anos, os investimentos aumentavam. Outra matéria analisada, esta do jornal “O Jornal Catarinense”, do ano de 1980, intitulada “Oeste terá 4 mil açudes para ampliar criação de aves e suínos. ”, aborda um documento protocolado pelo então governador do estado e pelo Ministro do Interior, em que determinava critérios para a construção de quatro mil açudes e 670 poços em 64 municípios da região Oeste, com destino a criação de aves e suínos, e também as lavouras de irrigação

No salão de Atos da Secretaria dos Negócios do Oeste, o Ministro assinou protocolo de programa de açudes e poços, entre Ministério do Interior, Sudesul, e o governo de Santa Catarina, para a fixação de critérios e normas para a construção de 4 mil açudes e 670 poços, em 64 municípios do Oeste. A proposta orçamentária da União para 1971 já prevê a dotação de Cr\$ 150 milhões deste programa que abrangerá, uma área de 25.338 quilômetros quadrados, beneficiando 85 propriedades rurais. O prazo de vigência será de cinco anos e sua finalidade será a obtenção, pela retenção, em açudes de pequenos médio portes de captação em poços tubulares, de água em quantidade capaz de suprir regularmente as propriedades rurais, em especial aquelas destinadas a criação de aves e suínos e a cultura de lavouras de subsistência. Com sua implantação haverá benefícios diretos para a dessedentação animal, irrigação de lavouras e pastagens (12 mil hectares), piscicultura e reflorestamento. (O JORNAL CATARINENSE, 1980, p. 5).

Analizando todo o processo que envolveu a modernização e a integração das famílias de pequenos agricultores produtores, e todo o investimento partindo do Estado, podemos concluir que sem essa transformação de sistema de produção em larga escala, as agroindústrias dificilmente conseguiram atingir o patamar de industrialização atual.

Foram necessárias diversas transformações na forma de se criar animais, na forma de se plantar grãos, na forma de produção e comercialização da carne para importação e exportação, para que a suinocultura se consolidasse como tal potencial, tornando-se uma das maiores atividades econômicas da região do Oeste de Santa Catarina até os dias atuais. Assim, a região é vista perante o estado, o país, como a maior produtora de carne suína, assim como, pelo mundo, como uma das regiões onde a carne produzida é de melhor qualidade. Ao adentrarmos no assunto de produção, no que tange as agroindústrias, no próximo capítulo,

será abordado a questão de qualidade da carne, pois o estado catarinense tem reconhecimento de muitos outros países como excelência em qualidade.

3. A SUINOCULTURA NAS PÁGINAS DA REVISTA CELEIRO CATARINENSE

A suinocultura enquanto atividade econômica já foi abordada no capítulo anterior, bem como a sua chegada e fixação na região oestina do estado de Santa Catarina. O que pretendemos fazer neste capítulo é trazer de que forma essa produção de suínos era divulgada, abordada, relatada em páginas de circulação regional, em específico nas páginas da revista Celeiro Catarinense, e de que forma quem produziu esse material buscou relatar a suinocultura nos anos de 1970 e 1980.

A revista Celeiro Catarinense produzida e divulgada na cidade de Chapecó no Oeste de Santa Catarina, foi um meio de divulgação de notícias e assuntos vinculados à agricultura, suinocultura, avicultura, pecuária, política regional, feiras, pesquisas, eventos e etc. Essa revista era paga, e analisando as capas dos volumes que dispomos, seu valor variava entre Cr\$1,50 e Cr\$3,00. A edição da revista de número 12, de setembro de 1974, traz nas primeiras páginas uma nota escrita pelo editor da revista, cujo nome não consta nessas páginas. Essa nota, traz a informação de que por dezessete meses a revista esteve parada. Não explica o motivo da sua paralisação, apenas que a revista retornou e que passou a pertencer à ANTARES S.A – Indústria Litográfica. Segundo a nota do editor,

Nesses dezessete meses de silêncio “Celeiro Catarinense” foi estudada, analisada, medida e agora está sendo relançada no mercado leitor e publicitário do Estado, carregando em suas páginas algumas inovações e principalmente uma fisionomia moderna, graças à impressão pelo sistema offset, feito aqui em casa mesmo. (CELEIRO CATARINENSE, 1974, p. 3).

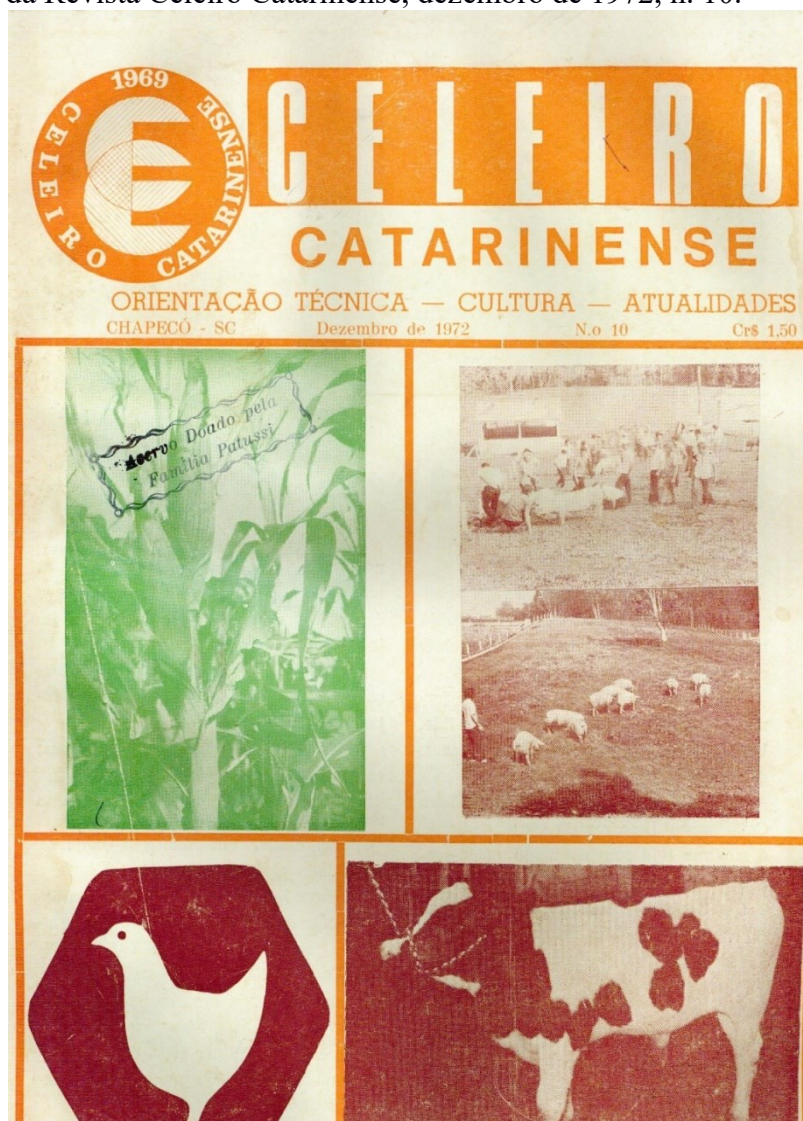
A revista retomou sua publicação no aniversário de 57 anos da cidade de Chapecó, e nas palavras da revista, além do aniversário da cidade.

[...] coincidindo o 10º aniversário da evolução industrial que tomou conta de todos nós, iniciada em 1964, logo após a instalação a Secretaria do Oeste, órgão governamental que devolveu ao empresário oestino a confiança que lhe faltava para continuar investindo na região e notadamente em Chapecó, polo geo-econômico-político-social-cultural e religioso do Oeste. (CELEIRO CATARINENSE, 1974, N 12, p. 3).

Concomitantemente, no ano de 1964 temos o golpe civil militar no país, o que nos faz compreender a instalação da Secretaria no Oeste, mostrando o incentivo governamental para a região, de forma a transformar o Oeste em um polo industrial. Nos volumes da revista analisados, não se tem informação de quem financiava a revista, mas temos nomes de seus diretores: Diretor Presidente: Gabriel Dezen; Diretor Comercial: Amilton M. Lisboa e Diretor Industrial: Homero M. Franco; Jornalista responsável: Amilton Martins (como citado acima, diretor comercial). Seus representantes ficam nas cidades de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro.

Esta revista funcionava como meio de comunicação para a difusão de assuntos amplos com foco ao comércio e mercado agroindustrial como feiras, eventos, avaliações econômicas e assuntos vinculados também à economia e assuntos que compreendia toda região oestina. O acesso a estas revistas se deu através do acervo do CEOM (Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina, localizado na cidade de Chapecó) e se deu de forma simples, onde após solicitar o material, o CEOM disponibilizou-o para digitalização e fotos. Foi realizado a tentativa de localizar mais exemplares na biblioteca municipal de Chapecó, porém a mesma informou a inexistência de tal revista em seu acervo. Abaixo uma foto da capa de uma das edições abordada neste trabalho, onde consta o nome da revista, seu mês e ano de publicação, cidade de publicação, número da edição, valor (em Cr\$), palavras chaves sobre os conteúdos abrangidos pela revista (orientação técnica – cultura – atualidades) e também imagens correspondentes às matérias escritas dentro daquela edição em destaque: o milho no canto superior esquerdo, a criação de suínos o canto superior direito, um frango no canto inferior esquerdo e novilho no canto inferior direito. Essas imagens chamam atenção.

Figura 2: Capa da Revista Celeiro Catarinense, dezembro de 1972, n. 10.



Fonte: Arquivo CEOM (2019)

Outro exemplo de imagem é a matéria da Revista Celeiro Catarinense intitulada “Granja Sipal – A Nova Imagem da Suinocultura Oestina”.

Figura 3: Matéria da Revista Celeiro Catarinense intitulada “Granja Sipal – A Nova Imagem da Suinocultura Oestina”, dezembro de 1972, n. 10



Fonte: Arquivo CEOM (2019)

Através das fotos desta matéria, podemos analisar como era a criação do suíno no sistema sem confinado, e também podemos observar a distribuição territorial da granja, uma

vez que essas fotos permitem o leitor vislumbrar a granja Sipal, além de promover o interesse na aquisição de produtos da mesma. Aqui trago a figura de modo a exibir um pouco como as matérias eram elaboradas e as imagens que nelas eram colocadas.

As edições selecionadas da revista para análise são do ano de 1970. E as matérias selecionadas abordam diretamente o tema da suinocultura sob um viés econômico da região, que traz essa atividade como um grande potencial. Estudar a suinocultura nas páginas desta revista é o objetivo deste trabalho, para qual este capítulo foi destinado. Sempre com um olhar “positivo e visionário”, a revista em diversos momentos buscava enfatizar como o Oeste Catarinense tinha certa “propensão natural” a suinocultura, colocando-a na esfera natural e de direção com determinação certa. Buscou em suas páginas descrever o processo de modernização da suinocultura e as transformações ocorridas no Oeste.

Apesar de escassas o número de exemplares de edições produzidas que ainda estão disponíveis, neste estudo foi filtrado as matérias que tratassem do tema “suinocultura” em específico, o suficiente para executar os objetivos propostos. Traremos três matérias da revista Celeiro Catarinense que permitiram uma análise eficaz sobre o tema e que nos remetem um pouco ao pensamento sobre a suinocultura e sobre as agroindústrias na época.

3.1. RAÇÃO: A ALIMENTAÇÃO APRIMORADA PARA SUÍNOS DE QUALIDADE

Como mencionado anteriormente no capítulo um, antes os animais eram criados soltos e tinham uma alimentação diferente e de menor custo ao produtor, sendo mais fácil e mais barata, baseada no que chamamos de “lavagem”³. Porém, com a modernização em busca do melhoramento do suíno que produzia menos banha, tinha-se o objetivo de engorda mais fácil e mais rápido e também o controle melhor sobre a criação e alimentação desses animais. Daí a necessidade de introduzir a ração como única fonte alimentícia aos suínos que transformaria o processo de criação mais rápido ao produtor e, por consequência, para a indústria, além de diminuir a produção de banha e aumentar a carne. Devemos ressaltar também que esse melhoramento da carne também era uma exigência do mercado externo, uma vez que a suinocultura catarinense sempre esteve atrelada a essas exigências, sendo um grande fornecedor de carne para o exterior.

Ao passo em que ocorria a modernização da suinocultura, assim como a avicultura e outras áreas ligadas à agricultura, houve a preocupação em melhorar também a alimentação

³ Lavagem: comida de porco a base de restos de comida como frutas, legumes, milho moído, etc.

voltada a estes animais. Isso para que fosse possível aumentar a qualidade da carne que se destinava a indústria, e também a agilidade e controle na criação e desenvolvimento dos animais de corte.

Na suinocultura oestina de Santa Catarina, após a segregação do sistema de criação em sítios, os produtores adotaram o sistema de produção em unidades confinadas. Nesse sistema o animal passa por diferentes estágios de crescimento até atingir o peso ideal para ser encaminhado às agroindústrias e lá ser abatido. Esses processos tem um tempo determinado a ser executado, e dentro desse tempo existem etapas que precisam ser respeitadas para que os suínos cheguem ao último estágio de vida antes de serem levados aos abatedouros. Esses processos são caracterizados por três segmentos: Unidade de Produção de Leitão (UPL), Unidade de Creche (UC) e Unidade de Terminação (UT) (ABCS, 2014). A UPL, ou maternidade, é onde as matrizes (leitoas) ficam engaioladas para que tenham os seus leitões e os amamentem. Esses leitões devem permanecer num período cerca de 21 e 28 dias, onde realizaram o período de lactação e depois de desmame. Após o desmame, os leitões são encaminhados a UC, a creche. Nessa etapa os leitões precisam de grandes cuidados para que façam introdução da ração de forma correta e efetiva. Permanecem cerca de 42 dias até que atinja o peso mínimo de 20kg e 64 dias de vida. Posteriormente ele chega a sua última fase de vida na UT. Na Unidade Terminal é onde ocorre o maior período de engorda. Os suínos saem das creches e permanecem neste estágio até atingir o peso vivo estipulado para abate que fica entre 100/120kg. Pode-se dividir esse segmento em duas etapas: a de crescimento, onde os animais permanecem até que atinjam o peso de 55kg (onde há a preocupação da nutrição desses animais pensando na qualidade da carne a ser produzida); e a de terminação em si, que para que cheguem ao peso final para então serem transportados ao destino final: as agroindústrias.

Após a mudança da maternidade para as creches, os suínos entram em contato com a ração diretamente. É nessa fase onde ocorre uma preocupação maior em relação a nutrição animal, pois após o desmame é fundamental que os suínos recebam uma alimentação adequada as necessidades de engorda, para que atinjam na fase de terminação o peso e qualidade da carne desejada. A ração é introduzida através de comedouros, incorporados desde a creche, são pensados na quantidade de ração a ser oferecida a um número específico de animais que ocupam as baias (alojamentos). Os comedouros devem ser ajustados em cada unidade de criação (UC e UT) desde o desmame até o abate, pensando na adequação de peso e também no evitar desperdícios, podendo eles ser manuais ou automáticos.

O que devemos ressaltar é que cada estágio da vida do animal, bem como seu organismo biológico (fêmea ou macho), tem um tipo de tratamento com ração. As leitoas, responsáveis por gerar e amamentar os leitões durante a gravidez e antes e depois de parir recebem uma quantia específica de ração que corresponde a sua alimentação. Os leitões ao passar para as creches recebem ração baseada na necessidade de crescimento dentro do período estipulado antes de serem encaminhados a última e mais demorada fase. E depois ao passar para a unidade de terminação, outro manejo da ração é aplicado, pensando na qualidade da carne e na quantidade de gordura nas carcaças. Também é observado quanto o animal se alimenta diariamente, para que se faça a análise de saúde e de engorda no animal. A fase mais importante da engorda é no estágio de terminação, pois a alimentação será determinante para que se chegue no resultado final desejado pelas indústrias contratantes. São três os tipos de alimentação que os suínos são submetidos: alimentação à vontade; alimentação restrita e alimentação controlada. A forma física da ração também pode ser diversificada, fugindo ao padrão da ração normal a base de milho apenas farelada.

O processamento dos alimentos fornecidos para os suínos tem como principais finalidades: alterar a forma física ou o tamanho de partículas, conservar o alimento, aumentar a aceitabilidade e/ ou digestibilidade, modificar sua composição nutricional e eliminar elementos tóxicos. De certa forma, todos os tipos de processamento têm por objetivo melhorar a eficiência dos animais. (ABCS, p. 670, 2014).

Pode ela ser oferecida no formato granulado (granulometria) ou peletização⁴. Na granulometria, é permitido que as dietas sejam aplicadas com mais eficiência, melhorando o desempenho dos suínos. As reduções do tamanho das partículas aumentam a superfície do grão e permite que o animal tenha mais absorção das enzimas e dos nutrientes. O que deve-se atentar é buscar um tamanho ideal, pois se em excesso podem causar úlceras gástricas e muito pequenas podem acarretar em problemas no escoamento de canos e silos. A peletização é um tipo de processamento térmico que introduz vapor na ração farelada. As vantagens são o melhoramento da digestão da ração e a diminuição dos desperdícios. A desvantagem é em relação ao aumento do custo de produção comparada ao uso comum da ração farelada.

O produtor, sendo ele integrado ou não às agroindústrias, necessita cultivar a base da alimentação de seus animais, podendo ela ser produzida *in loco* ou repassada às agroindústrias para ser produzida a ração. Em grande maioria no Oeste Catarinense, o cereal mais vantajoso

⁴ Ato ou processo de transformar produtos farelados em *pellets* (grânulos).

a ser cultivado é o milho, base primordial para a fabricação de ração para suínos. Como destaca Pertile (2008),

O milho cultivado é de grande importância nas pequenas propriedades do Oeste catarinense, ele serve de matéria-prima para a criação de animais na propriedade e para a produção de ração nas agroindústrias. Por isso, os suinocultores precisam dispor de terra suficiente para cultivar a quantidade de milho necessária na alimentação dos suínos por eles criados. (PERTILE, 2008 p. 96).

Para que se tenha uma boa colheita, o produtor deve dispor, além de terras e do trabalho empenhado, de insumos e sementes selecionados, adquiridos em empresas agroindustriais regionais. É possível, inclusive, pagar por eles ao final da colheita na venda da safra, sendo uma prática corriqueira entre os pequenos produtores que não dispunham de dinheiro o suficiente para cobrir na compra imediata das sementes. Também terá que contar com as condições climáticas, pois não se pode prever as reações da natureza. Devemos considerar também que para o produtor integrado às agroindústrias, a integração exige muitos investimentos, que ao final, o lucro obtido através do milho ou do suíno em si por vezes não permite enxergar a viabilidade nesses investimentos.

Por tanto, consideramos que quanto mais terras o produtor possuir, mais ele conseguirá cultivar milho e mais ração produzirá. Podemos então considerar que o número de criação de suíno está ligado diretamente ao tamanho da propriedade, pois quanto maior for esta propriedade, mais cultivo será possível realizar para fabricação de ração e por consequência, maior será a capacidade de animais a ser criada nesse local.

No sistema de integração, como já mencionado anteriormente, o produtor fica sujeito às exigências da agroindústria ao qual ele está integrado. O produtor adentra uma cadeia estipulada pela agroindústria, que dentro de um contrato de integração, a empresa contratante fornece os insumos como os reprodutores, leitões, serviços de veterinária, e também a ração. As exigências maiores giram em torno da genética dos suínos e da ração. Essa ração é elaborada em fábrica, e a produção dos grãos, em especial o milho, é associado à essa fabricação, para posteriormente retornar ao produtor introduzir em sua produção. Por tanto, era necessário pensar no cultivo do milho voltado à alimentação do suíno, buscando produzir um milho de qualidade para que a ração seja melhorada.

Outra matéria produzida pela revista Celeiro Catarinense no ano de 1972, nos dá um exemplo da preocupação da melhoria da ração e também na qualidade nas raças de suínos produzidos no Oeste Catarinense. Pensando no aprimoramento da ração a ser distribuída aos produtores de suínos, a Granja Sipal localizada em Pinhalzinho – SC, grande produtora de

ração animal, investiu na reprodução de suínos de alta qualidade e também no desenvolvimento de uma ração de melhor qualidade. A matéria intitulada “Granja Sipal: A Nova Imagem da Suinocultura Oestina” aponta que a granja Sipal surge com dois objetivos fundamentais, sendo eles “testar e experimentar os produtos SIPAL para alimentação de suínos, aves e gado leiteiro e distribuição de reprodutores suínos de alta qualidade, visando estimular a criação de porco-carne, de maior rendimento para o produtor” (CELEIRO CATARINENSE, 1972). Ou seja, ao invés de sair do laboratório direto ao produtor, tiveram a preocupação de testar seus produtos, do alimento ao animal, para daí então repassar aos produtores. Também preocupados com a qualidade dos suínos, resolveram juntar “o útil ao agradável” e além de criar reprodutores de alto padrão, também testar a ração que era fabricada e direcioná-la aos produtores. A granja também foi a primeira a ter registro de inspeção na ACCS (Associação Catarinense de Criadores de Suínos), portanto, antes de serem registrados e comercializados aos produtores, a ACCS fazia a fiscalização destes animais.

A granja agropecuária produtora de ração, ao dedicar-se na comercialização de reprodutores, investiu em importar mais de duzentos reprodutores e matrizes da Alemanha e da Holanda para fornecer aos produtores do Oeste Catarinense, transformando a suinocultura da região. Nas palavras da revista “A Granja Sipal representa verdadeiramente a nova imagem da suinocultura catarinense.” (CELEIRO CATARINENSE, 1972).

A análise que fizemos a respeito da ração, ou da alimentação propriamente dita para os suínos, é que desde a transição para o sistema integrado dos produtores às agroindústrias e também o formato de criação confinado, a preocupação em relação a qualidade da carne é que mais se destaca. As agroindústrias estipulam a qualidade tanto da semente de milho para fabricar a ração, como da ração enquanto produto final, e também da carne a ser produzida no final de todo esse processo de criação da suinocultura. O produtor precisa estar atento as exigências determinadas pelas empresas indústrias contratantes, e se manter atualizado das novidades sobre alimentação e produção de ração. Bem como as empresas que fabricam ração as comercializam precisam estar buscando aprimorar-se e trazer um melhoramento no seu produto.

A matéria que relata a fabricação de ração e melhoramento genético de suínos na região Oeste, é um exemplo que consegue abranger ambas as questões. Pois mostra a preocupação em criar uma ração que seja de qualidade para que os produtores busquem adquiri-las, e também a preocupação em melhorar a qualidade do porco carne. O que se torna interessante nesse caso em específico da Granja Sipal, é justamente esse cuidado em fabricar a ração a ser comercializada, mas antes de vendê-la testar em seu próprio rebanho se suínos,

juntando o útil ao agradável, uma vez que testa seus dois produtos ao mesmo tempo antes de repassá-los aos produtores.

3.2. AS FEIRAS NO OESTE CATARINENSE: A SUINOCULTURA EM DESTAQUE

As feiras agroindústrias regionais, de uma maneira geral, se tornaram muito importante para que houvesse a divulgação de mercado não só local, mas regional, nacional e também internacional. Mercado este, que traz diversas seções da agroindústria, trazendo o que havia de mais moderno e inovador na época, como as raças de animais, a ração destinada ao engorde, materiais e equipamentos para auxiliar o produtor e/ou as agroindústrias, etc. Mas se tratando das primeiras feiras realizadas neste setor, o destaque maior gira em torno da carne.

Os produtos do setor industrial de Chapecó, especialmente as novidades, são apresentados em feiras e exposições no próprio município. No entanto, os eventos têm repercussão nacional e até internacional. Dentre os segmentos industriais, o agropecuário (com especificidade para o setor de carnes), o de móveis e o de plástico são os que se sobressaem na organização periódica de eventos. (PERTILE, 2008 p. 207).

Em Santa Catarina existem feiras que há bastante tempo atuam na região, de forma a expandir a comercialização e incentivo dos setores agroindustriais. Uma das mais conhecidas é a Exposição Feira Agropecuária Industrial e Comercial de Chapecó (EFAPI). A feira acontece desde o cinquentenário da cidade de Chapecó. Segundo Rosalen (2012) ao citar Ben (2005), a autora lembra que “esta repercussão de um possível progresso advinha da política econômica, que vinha sendo desenvolvida no país, e que no Oeste favoreceu o desenvolvimento e implantação das agroindústrias”. A feira, portanto, surgiu para exibir e exaltar as novidades de implementos agrícolas e maquinários. Anteriormente essa feira acontecia a cada dois anos, mas atualmente a feira é realizada em um intervalo maior.

Outra feira bastante importante para a região do Oeste de Santa Catarina é a Itaipu Rural Show, que apesar de ser um pouco mais nova, também tem edições atuais. Segundo Bauermann (2017),

O Itaipu Rural Show surge em 1998 quando a Cooperativa Regional Itaipu resolveu transformar os tradicionais dias de campo em uma feira desenvolvida no Centro de Treinamento e Difusão de Tecnologias no município de Pinhalzinho –SC. Seu objetivo era mostrar aos agricultores a tecnologia que cada uma das empresas participantes tinha a oferecer. Possibilitavam dessa forma que o agricultor comparasse o resultado dos materiais de cada uma das empresas participantes. (BAUERMAN, 2017 p. 15).

As matérias escritas pela revista anunciavam as mudanças da suinocultura nos anos de 1970. Feiras de agronegócio chegavam à região para trazer para os produtores, comerciantes e empresários as novidades do ramo, além de também mostrar o que mais moderno estava sendo comercializado em diversos produtos. Colocavam animais expostos para mostrar as novidades de raças e aprimoramento genético, de forma a comercializar, mas também de apresentar resultados de trabalhos que envolvessem a transformação da carne suína.

A matéria intitulada “Fesuíno, emancipação da Suinocultura do Oeste” deixa clara a posição de que o Oeste atingiu sua independência na suinocultura e se transformava numa potência econômica, mostrando que a região era capaz de produzir em grande quantidade e com qualidade, equiparando-se a regiões onde a suinocultura já havia se estruturado e criado fortes raízes. Foi realizada na cidade de Chapecó nos dias 23, 24 e 25 de setembro de 1972 a 1ª FESUÍNO (Feira Estadual do Suíno), que reuniu produtores de várias cidades, e apresentou mais de 500 animais de alta qualidade oriundos de granjas reprodutoras das cidades de Concórdia, Seara, Xavantina, Xanxerê, Chapecó, Palmitos, Caxambu do Sul, entre outros municípios da região. A revista aponta esta feira como a maior realizada em Santa Catarina no quesito suínos, tendo apresentado um número rápido de vendas tabelado pela ACCS, sendo considerado um sucesso conforme a matéria sobre a feira:

A qualidade dos reprodutores apresentados na FESUÍNO, o sucesso da organização, realmente significaram a emancipação da suinocultura no Oeste que começa a disputar a liderança com a região do Vale do Rio do Peixe (Concórdia, Videira) nem tanto no aspecto qualidade como na quantidade de animais e granjas que produzem reprodutores de boa qualidade. (CELEIRO CATARINENSE, 1972, n. 9, p. 5).

Neste momento fica claro a exaltação que a revista faz sobre as personalidades consideradas importantes ou autoridades da região, uma vez que na matéria constam fotos onde essas personalidades foram registradas: “compareceram o Secretário do Oeste e o Secretário da Agricultura e um grande número de autoridades de Chapecó e do Oeste...”. Além da exaltação da própria suinocultura e sua então emancipação, quando considera a feira como o maior acontecimento da suinocultura de Santa Catarina em 1972. A fala do Secretário da Agricultura Glauco Olinger no final da matéria nos faz pensar em qual direção a suinocultura estava caminhando.

“Não podemos comparar a suinocultura brasileira a suinocultura de países mais desenvolvidos. Afinal não podemos esperar que a nossa produção agropecuária se desenvolva em termos competitivos com esses países, se não adotarmos medidas de proteção ao suinocultor como fazem aquelas nações, a não ser que pretendamos manter uma população rural cada vez mais pobre e o criador cada vez mais

deprimido”, disse o Secretário da Agricultura Eng. ° Glauco Olinger ao inaugurar a 1ª FESUÍNO.” (CELEIRO CATARINENSE, 1972, n. 9 p. 5).

Em outra matéria analisada, escrita também pela revista Celeiro Catarinense, podemos observar a forma com que a revista engrandece a suinocultura regional do Oeste, bem como de Santa Catarina em si. Com o título “Suinocultura: Somos os melhores”, a revista já deixa entender apenas em seu título, antes mesmo de ser feita a leitura da matéria, que na região se produz o melhor suíno, considerando a suinocultura da região melhor que as demais localidades.

Esta matéria, assim como a analisada anteriormente, traz as tão conhecidas feiras locais. Já mencionamos anteriormente a função que as feiras exercem no mercado, principalmente no âmbito regional, e nesta em específico, podemos observar como a abrangência dela se tornou mais amplo, tendo reconhecimento internacional. A feira relatada nesta matéria ocorreu nas cidades de Chapecó e Concórdia. Segundo a matéria, esta feira agropecuária colocou Santa Catarina na posição dianteira da suinocultura no aspecto nacional, ao constatar que no Oeste se encontram os melhores núcleos de criação de suínos, destacando as cidades acima mencionadas. Notícia também que o sul do estado está começando a criação de suínos de alta qualidade com “*pedigree*”⁵ de importação. Na realização desta feira:

Cerca de 1000 animais puros, de *pedigree*, foram expostos e mais 800 reprodutores foram adquiridos por suinocultores com base em financiamentos propiciados “in loco”, pelos Banco do Estado e do Brasil. Os vencedores do certame foram classificados por técnicos alemães, presentes na exposição, como iguais aos melhores já testados na Alemanha. A principal raça foi a do chamado “porco branco”, marca LANDRACE, importado da Europa. (CELEIRO CATARINENSE, 1972, n. 10, p. 16).

Segundo a revista, pela primeira vez no país, os produtores de suínos puderam adquirir reprodutores suínos a partir de um convênio do qual as maiores entidades vinculadas à suinocultura participaram: Mistério da Agricultura, a ACARESC, a Associação Catarinense de Suinocultores e também o governo da Alemanha. Além do fato da região dispor de uma estação de avaliação de carcaça suína, que serve para indicar quais os melhores suínos da região para reproduzir e aprimorar as raças.

Ao final da matéria, a revista traça o caminho que a suinocultura tem a percorrer em Santa Catarina. Caminho este considerado seguro para melhorar a criação do porco “tipo carne”, aquele que as agroindústrias frigoríficas reconhecem a importância do aprimoramento de raça para a qualidade da carne, pagando um valor mais alto por quilo quando o suíno

⁵ *Pedigree*: raças consideradas puras.

dispor de tal qualidade. Por fim, o esclarecimento do Secretário da Agricultura anuncia que novos convênios estavam sendo firmados com as indústrias, secretaria da Agricultura e com a ACARESC, buscando ampliar essa política de produção de suínos de raça para que, no futuro, o estado pudesse exportar para o exterior as suas carcaças, como exemplo.

Para concluirmos nossa análise a respeito das feiras, outra matéria foi analisada. Desta vez não mais da revista *Celeiro Catarinense*, mas sim das páginas do Informativo Chapecó, pertencente a fundação Plínio Arlindo de Nes. A matéria intitulada “Flaias programada para maio em São Paulo” ocupa uma parte da página 04 da edição nr. 53 do ano de 1989. A matéria aborda a Feira Latino-Americana da Indústria Avícola e Suinícola (FLAIAS) realizada no ano de 1989 nos dias 16 a 19 de maio na cidade de São Paulo. A feira contava com a presença de mais de 100 empresas expositoras que eram ligadas diretamente ao setor, que abrangia “desde a criação até a industrialização e processamento da carne, genética, nutrição, patologia, instalações e equipamentos” (INFORMATIVO CHAPECÓ, 1989).

A Flaias recebeu apoio de grandes associações, tais como: Associação Brasileira dos Exportadores de Frango (ABEF); Associação Brasileira de Exportadores de Carne Suína (ABECS); Associação Latino-Americana de Avicultura; União Brasileira de Avicultura; Associação Brasileira de Criadores de Suínos (ACCS); Associação Nacional de Abatedouros Avícolas (ANAB); Associação Brasileira da Indústria de Produtos Derivados de Suínos (ABIPOS); Sindirações; Apinco e órgãos do ministério da Agricultura, da Indústria e Comércio e das Relações Exteriores. Para além das exposições de produtos, a Flaias desenvolveu um programa de palestras sobre:

“O Marketing na Avicultura e Suinocultura”, “Perspectivas de exportação para Avicultura e Suinocultura”, “Novos métodos de corte de carnes, processamento e embalagens especiais” e “A Informática no controle do abate”. Assuntos como patologia, equipamentos e nutrição animal também serão discutidos. (INFORMATIVO CHAPECÓ, p. 4, 1989).

A matéria justifica o porquê ocorreu à iniciativa de realizar a Flaias no Brasil. Foram os números significantes de exportação de carne de frango e de suínos que colocaram o Brasil no ranking de segundo maior avicultor do mundo (na época produzindo dois milhões de toneladas por ano) e ter o quarto maior rebanho de suínos do mundo (na época produzindo trinta e um milhões de cabeças por ano). Com esses números o país tomou a liderança na América Latina nos segmentos de avicultura e suinocultura, da produção à comercialização das carnes. E como a matéria mesmo coloca, merecendo uma feira de tamanho porte e representatividade como as feiras realizadas nos Estados Unidos e Europa.

O objetivo de trazer essa matéria, que não pertence a Revista Celeiro Catarinense, mas sim ao Informativo Chapecó, é que a Flaias teve uma repercussão tão grande e tão relevante para a suinocultura oestina de Santa Catarina, que achamos fundamental colocar essa matéria nesse trabalho, uma vez que nos faz refletir sobre o caminho que a suinocultura do Oeste Catarinense estava percorrendo, saindo do âmbito nacional, cruzando fronteiras e continentes.

O que podemos observar nas três matérias analisadas, principalmente produzidas pela revista Celeiro Catarinense, é que houve a preocupação em situar o Oeste como grande polo da suinocultura no país. Mostrou como as feiras regionais são fundamentalmente importantes para a divulgação e melhoramento dos suínos aqui produzidos, principalmente na genética e consequentemente, da carne. Nos deixa entender, em ambas as matérias, o potencial econômico que a suinocultura representa para o Oeste de Santa Catarina, para o estado, país e também para o mundo. Na matéria escrita pelo Informativo Chapecó, também há a preocupação em enfatizar suinocultura, e neste caso, também a avicultura como potenciais para o Brasil. Talvez a diferença entre essa matéria e as matérias da revista, fique no aspecto de dimensão e repercussão das feiras, pois as matérias produzidas pela revista escrita uma década anterior do informativo, traz as primeiras feiras regionais que tiveram divulgação e alcance regional, estadual e também nacional. Enquanto a Faías, uma feira internacional, abrange toda a América Latina. Porém, apesar desta feira ter sido realizada no Sudeste do país, em São Paulo, podemos constatar a importância da visualização e do impacto que um evento deste tamanho porte ocasiona na região do Oeste Catarinense.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das matérias da revista Celeiro Catarinense, de propagandas e jornais, permitiu que fosse refletido a forma com que as mídias locais reportavam a suinocultura no enraizamento da agro industrialização, após todo o processo que envolveu a modernização da mesma. Permitiu que compreendêssemos como a suinocultura foi enaltecida por essas mídias, principalmente pela revista, sempre buscando colocar a mesma como excelência na região.

Na busca de compreender o processo de modernização da suinocultura e todas as mudanças que trouxe para a região do Oeste de Santa Catarina, através das fontes analisadas, o que conseguimos como resultado, é que foi possível constar que a perspectiva em cima da suinocultura oestina é sempre como grande potencial econômico, como uma atividade que poderia ser considerada apropriada ou destinada para a região, e não apenas adaptada as

condições. Pode-se observar como os processos de criação de suínos passou por diferentes transformações que foram culminantes na industrialização da região.

A análise da revista *Celeiro Catarinense*, mesmo em poucos anos, deixou a entender que a suinocultura do Oeste Catarinense deveria ser a melhor, que aqui se produz o melhor suíno, e como se busca sempre o aprimoramento da carne em busca de tornar a região um dos maiores polos mundial de carne suína.

Apesar do número baixo de exemplares encontrados para o desenvolvimento dessa pesquisa, o material encontrado para ser estudado proporcionou uma clara perspectiva da visão de ascensão da economia através do progresso da suinocultura. Para dar mais sustentação a pesquisa foram utilizados também algumas matérias de jornais, para fundamentar a ideia de modernidade da suinocultura e de potencial regional que se originou desta prática.

Pensando numa melhor amplitude acerca do tema estudado, seria imprescindível encontrar mais fontes sobre a *Revista Celeiro Catarinense*, pois poderíamos comparar as matérias umas com as outras e trazer conteúdos diferentes e talvez outras perspectivas desenvolvidas pela revista. Podendo assim acrescentar de forma significativa ao tema abordado neste trabalho, e talvez, porque não, mudar os rumos de interpretação sobre a fonte.

Porém, não deixando de ressaltar o trabalho realizado até o presente momento, podemos considerar que contribuímos a respeito do entendimento e panorama da suinocultura no Oeste de Santa Catarina. Para além do tratamento do animal, ou do surgimento e instalação das agroindústrias, mas a visão local de uma região com a chegada e consolidação de uma atividade de criação animal que adquiriu um espaço muito considerável para a região e que trouxe grandes mudanças no aspecto social, ambiental e econômico.

FONTES

JORNAIS:

O jornal Catarinense (12/10/1980) – Acervo CEOM, 2019.

Correio do Sul (19/11/1977) – Acervo CEOM, 2019.

REVISTA:

Celeiro Catarinense (edição nr. 4, maio e junho 1970) – Acervo CEOM, 2019.

Celeiro Catarinense (edição nr. 10, dezembro 1972) – Acervo CEOM, 2019.

Celeiro Catarinense (edição nr. 9, outubro de 1972) – Arquivo CEOM 2019.

Celeiro Catarinense (edição nr. 8, maio de 1972) – Arquivo CEOM 2019.

Celeiro Catarinense (edição nr. 12, setembro de 1974) – Arquivo CEOM 2019.

Informativo Chapecó (edição nr. 53, março/abril de 1989) – Hemeroteca Digital Catarinense

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABCS. **Produção de suínos: teoria e prática**. Coordenação editorial Associação Brasileira de Criadores de Suínos; Coordenação técnica da Integrall Soluções em Produção Animal, Brasília, 2014. Disponível em: < http://www.abcs.org.br/attachments/1823_Livro%20Produ%C3%A7%C3%A3o.pdf > Acesso: 20 de outubro de 2019.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. **Os ciclos econômicos do extremo Oeste Catarinense: modernização, progresso e empobrecimento**. Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2003. Disponível em: < http://www.bc.furb.br/docs/TE/2003/291005_1_1.pdf > Acesso: 10 de junho de 2019.

BAVARESCO, Paulo Ricardo. A história econômica do Oeste Catarinense. In: **Chapecó 100 anos: histórias plurais**. Mirian Carbonera... [et al] (Orgs) 2. ed. Chapecó, SC. Argos, 2018.

BAUERMAN, Andressa K. **Feiras agropecuárias e tecnificação agrícola: a influência do Itaipu Rural Show do Oeste Catarinense entre os anos de 1998 e 2017**. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

BRANDT, Marlon. **Uma história ambiental dos campos do planalto de Santa Catarina**. Florianópolis, SC, 2012. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/96449> > . Acesso: 10 de junho de 2019

BRANDT, Marlon. **Criação de porcos “à solta” na floresta ombrófila mista de Santa Catarina: paisagem e uso comum da terra**. Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/his/v34n1/0101-9074-his-34-01-00303.pdf>. Acesso: 10 de junho de 2019.

CARVALHO, Miguel M. X. de; PROVIN, Bruno Griebler; VALENTINI, Renan Paganini. **Uma leitura da modernização da suinocultura: História, Agropecuária e bem-estar animal – Paraná Brasil (1960-1980)**. Expedições: Teorias da História & Historiografia, 2016. Disponível em: < https://www.revista.ueg.br/index.php/revista_geth/article/view/5569 > Acesso: 10 de junho de 2019.

EMBRAPA. **Suínos e aves**. Central de inteligência de aves e suínos. Atualizado em Disponível em: < <https://www.embrapa.br/suinos-e-aves/cias/estatisticas/suinos/mundo> > Acesso: 10 de junho de 2019

CERON, Ana. **Santa Catarina responde por 56% de toda carne suína exportada pelo Brasil**. Florianópolis, 10 de dezembro de 2018. Disponível em < <http://www.agricultura.sc.gov.br/index.php/noticias/838-santa-catarina-responde-por-56-de-toda-carne-suina-exportada-pelo-brasil> > Acesso: 10 de junho de 2019.

CORAZZA, Gentil. **Traços da formação socioeconômica do Oeste Catarinense**. Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, 2016. Acesso: 10 de junho de 2019. Disponível em: < http://www.apec.unesc.net/VII_EEC/sesoes_tematicas/%C3%81rea%204%20Hist%20Econ/TRA%C3%87OS%20DA%20FORMA%C3%87%C3%83O%20SOCIOECONOMICA.pdf > Acesso: 10 de junho de 2019.

DALLA COSTA, Armando João. **A Sadia e o pioneirismo industrial na agroindústria brasileira**. Revista História Econômica & História de Empresas, São Paulo, n. 1, p. 109-144, fev. 1998. Acesso: 10 de junho de 2019. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/24655/D%20-%20COSTA%2C%20ARMANDO%20JOAO%20DALLA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso: 10 de junho de 2019.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011, p.111-142.

ESPÍNDOLA, Carlos José. **As agroindústrias do Oeste Catarinense: o caso Sadia**. Universidade de São Paulo, p.121, São Paulo 1996. Disponível em: <<http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/76988>> Acesso: 10 de junho de 2019.

FORNECK, Elisandra; KLUG, João. **Impactos socioambientais da suinocultura no Oeste Catarinense: do visível ao invisível**. Anpuh, Florianópolis, p. 1-14, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428326734_ARQUIVO_Impactossocioambientaisdasuinoculturanooestecatarinense.pdf. Acesso: 10 de junho de 2019.

HENTZ, Carla; OLIVEIRA, Adriano R. de; BATELLA, Wagner. **Modernização agrícola, integração agroindustrial e políticas públicas de desenvolvimento rural no Oeste de Santa Catarina**. Caderno Prudentino de Geografia, n.35, v.1, p. 41-59, 2013. Disponível em <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/download/2086/2409>> Acesso: 10 de junho de 2019.

MIOR, Luiz Carlos. **Agricultura familiar, agroindústria e desenvolvimento territorial**. UFSC, p 1-15, Florianópolis, 2011. Disponível em: <http://nmdsc.paginas.ufsc.br/files/2011/05/Mior_Agricultura-familiar_agroindustria_e_desenvolvimento_territorial.pdf> Acesso: 10 de junho de 2019.

MORETTO, Samira Peruchi; BRANDT, Marlon. **Das pequenas produções à agroindústria: suinocultura e transformações na paisagem rural em Chapecó, SC**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 11, n. 26, p. 229 - 254, jan./abr. 2019 Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180311262019229>> Acesso: 10 de junho de 2019.

MORGAN, Andressa; WEBER, Josiane; AGNOLIN, Cristiane T.; BERNARDY, Rójis J. **Desenvolvimento territorial com base nas suas potencialidades: aplicação da matriz de condicionantes, potencialidades e deficiências – CPD**. Chapecó – Santa Catarina, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/eed/article/view/18115>> Acesso: 10 de junho de 2019.

PERTILE, Noeli. **Formação do Espaço Cultural em Santa Catarina: O processo de produção de carnes no Oeste Catarinense**. UFSC, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/91823>> Acesso em 20 de Outubro de 2019.

RENK, Arlene. **A colonização do Oeste Catarinense As representações do brasileiros**. Cadernos do CEOM, Chapecó, p. 229, 1995. Disponível em:

<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/viewFile/2100/1190>> Acesso: 10 de junho de 2019.

ROSALEN, Eloisa. **A comemoração do cinquentenário de Chapecó (1967)**. Cadernos do CEOM, Chapecó, 2012. Disponível em:

<<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1151>> Acesso 20 de novembro de 2019.

SILVA, Claiton Marcio da; HASS, Monica. **“O Oeste Catarinense não pode parar aqui”. Política, agroindústria e uma história do ideal de progresso em Chapecó (1950-1969)**.

Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 9, n. 21, p. 338 - 374. maio/ago. 2017.

Disponível em: <

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180309212017338>> Acesso: 10 de junho de 2019.

SIQUEIRA, Débora Vallilo. **Criação e consumo de porcos na região de Chapecó - SC: entre casa à agroindústria**. UFSCAR, 2014. Disponível em:

<<http://www.seminariodeantropologia.ufscar.br/wp-content/uploads/2014/09/ANAIS-DO-III-semin%C3%A1rio-de-antropologia-pdf.444-455.pdf>> Acesso: 10 de junho de 2019.